



MULHERES NA PESCA

Desafiando a desigualdade de gênero: a primeira tripulação feminina numa embarcação de pesca no município de Acaraú - Ceará

Organizadores

Soniamar Zschornack Rodrigues Saraiva

Ana Gardênia Luzo Firmino

Emanuela de Freitas Paiva

João Vicente Mendes Santana

Karolina Freitas de Paiva

Marina de Lourdes Soares Araujo

Roberto Leopoldo de Medeiros



INSTITUTO FEDERAL
Ceará

MULHERES NA PESCA

Desafiando a desigualdade de gênero: a primeira tripulação feminina numa embarcação de pesca no município de Acaraú - Ceará

**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - IFCE****Reitor**

José Wally Mendonça Menezes

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Joelia Marques de Carvalho

Pró-Reitora de Ensino

Cristiane Borges Braga

Pró-Reitora de Extensão

Ana Claudia Uchôa Araújo

Pró-Reitor de Administração e Planejamento

Reuber Saraiva de Santiago

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Marcel Ribeiro Mendonça

**EDITORIA IFCE****Editor Executivo**

Tiago Estevam Gonçalves

CONSELHEIROS NATOS

Ana Cláudia Uchoa Araújo

Crystiane Borges Braga

Joélia Marques de Carvalho

Sara Maria Peres de Moraes

Tiago Estevam Gonçalves (Presidente)

CONSELHEIROS TITULARES

Alisandra Cavalcante Fernandes De Almeida

David Moreno Montenegro

Paula Patricia Barbosa Ventura

Josefranci Moraes De Farias Fontes

Marcilio Costa Teixeira

Marieta Maria Martins Lauar

Barbara Stullen Ferreira Rodrigues

Sebastiao Junior Teixeira Vasconcelos

Nadia Ferreira De Andrade Esmeraldo

Auzuir Ripardo De Alexandria

Francisco Jose Alves De Aquino

Sandro Cesar Silveira Juca

Antonio Cavalcante De Almeida

Beatriz Helena Peixoto Brandao

Joao Eudes Portela De Sousa

Juliana Zani De Almeida

Glauber Carvalho Nobre

Rommulo Celly Lima Siqueira

Harine Matos Maciel

Maria Da Socorro De Assis Braun

Sarah Mesquita Lima

Jose Eranildo Teles Do Nascimento

Igor De Moraes Paim

Nara Lidia Mendes Alencar

Meire Celedonio Da Silva

Marilene Barbosa Pinheiro

Wendel Alves De Medeiros



MULHERES NA PESCA

Desafiando a desigualdade de gênero: a primeira tripulação feminina numa embarcação de pesca no município de Acaraú - Ceará

Organizadores

Soniamar Zschornack Rodrigues Saraiva
Ana Gardênia Luzo Firmino
Emanuela de Freitas Paiva
João Vicente Mendes Santana
Karolina Freitas de Paiva
Marina de Lourdes Soares Araujo
Roberto Leopoldo de Medeiros

Fortaleza-CE
2025

Mulheres na pesca: desafiando a desigualdade de gênero: a primeira tripulação feminina numa embarcação de pesca no município de Acaraú - Ceará

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PRPI
Editora IFCE – EDIFCE

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.



EDITORIA IFCE

Editor Executivo

Tiago Estevam Gonçalves

Editora Adjunta

Sara Maria Peres de Moraes

Revisão

Marilene Barbosa Pinheiro

Diagramação e Capa

João Batista Rodrigues NETO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Editora IFCE - EDIFCE

M958 Mulheres na pesca: desafiando a desigualdade de gênero: a primeira tripulação feminina numa embarcação de pesca no Município de Acaraú – Ceará / Organizadores: Soniamar Zschornack Rodrigues Saraiva... [et. al.] --. Fortaleza: EDIFCE, 2025.

112 p.; il.

E-book no formato PDF 5.668 KB
ISBN: 978-65-84233-65-2 (e-book)
DOI: 10.21439/EDIFCE.129

1 Pesca artesanal. 2. Identidade de gênero. 3. Pesca ambarcada. I. Saraiva, Soniamar Zschornack Rodrigues (org.). II. Firmino, Ana Gardênia Luzo (org.). III. Paiva, Emanuela de Freitas (org.). IV. Santana, João Vicente Mendes (org.). V. Paiva, Karolina Freitas de (org.). VI. Araújo, Marina de Lourdes Soares (org.). VII. Medeiros, Roberto Leopoldo de (org.). VIII. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. IX. EDIFCE. X. Título.

CDD 639.2

Bibliotecária responsável: Sara Maria Peres de Moraes CRB Nº 3/901



Contato

Rua Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426.
Fone: (85)34012263 / E-mail: edifce@ifce.edu.br / Site: editora.ifce.edu.br



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO / 7

ANTECEDENTES / 9

TRIPULAÇÃO / 15

O FUTURO / 105

REFERÊNCIAS / 109





APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que inicio minha fala, costurando imagens e relatos que falam por si. Sinto-me grata pelo privilégio de poder acompanhar de perto o que, há muitos e muitos anos, tem sido um sonho distante, mas que agora se materializa no marco histórico em que as mulheres de Acaraú-CE, finalmente, assinam seu nome no rol de uma embarcação pesqueira, ainda no sentido figurado, mas, sem dúvida nenhuma, rumo ao mar aberto.

Definitivamente, esse não é um texto acadêmico, é uma leitura muito fácil e muito difícil ao mesmo tempo, porque o leitor há de se esforçar para enxergar a poesia contida em cada imagem, para mensurar a quantidade de sonhos que cada uma dessas tripulantes carrega dentro de si, mais os sonhos de tantas outras mulheres, às quais agora passam a servir de inspiração.

Para o homem, ser pescador depende apenas da coragem de vencer os perigos do mar; para essas mulheres, porém, além do mar, seria necessário vencer também o preconceito, o tabu, elementos gestados numa cultura que atravessou gerações. E, para isso, seria preciso, além da coragem, uma dose adicional de ousadia e determinação. Antes de tudo, seria preciso iniciativa.

Meu envolvimento pessoal com a causa tem origem ainda na graduação, quando escolhi o desafio de acompanhar o processo de criação de uma Associação de Pescadores na Ilha do Mosqueiro, em Belém – PA, como trabalho de conclusão de curso em Serviço Social. Esse olhar para a presença (ou ausência) do trabalho feminino na pesca se intensificou ao longo do tempo já como docente da educação profissional, nas muitas discussões realizadas ao longo das aulas de Associativismo e Cooperativismo Pesqueiro ministradas no curso Técnico em Pesca; inicialmente foi no CEFET-PA, em Belém, e a partir de 2011 no IFCE – CE, campus Acaraú, sempre na expectativa de que, em algum momento, eu não precisasse mais repetir que, apesar de não haver

nenhuma lei específica que proibisse a presença de mulheres nas embarcações pesqueiras, a pesca embarcada em nosso País ainda era uma atividade predominantemente masculina. Eu sempre acreditei na força feminina e na força do coletivo, e foi com esse entusiasmo que lancei o desafio de que nossas alunas aceitassem participar de uma pescaria embarcada, muitas e repetidas vezes, a exemplo do pescador que lança o anzol na água, onde não há certezas, mas não falta esperança.

A primeira vez em que ouvi falar de um projeto de embarcação pesqueira com uma tripulação feminina foi lá nos idos de 1999, no discurso apaixonado do professor João Vicente Santana, então coordenador do curso Técnico em Pesca no CEFET/PA, e que eu acabara de conhecer. Seria isso possível? A cada nova turma nas disciplinas do referido curso, esse sonho era compartilhado, as fisionomias analisadas; mas, nem mesmo o público masculino mostrava interesse na pesca embarcada.

Não desisti. Lancei novamente a proposta e foi justamente numa aula remota, em meio à pandemia, que vi uma de minhas alunas vibrando junto, colocando-se à disposição para fazer parte dessa tripulação dos sonhos. Vocês vão conhecê-la nas próximas páginas, fiquem atentos! Vão conhecer também outras histórias, de personagens distintas, morando em cidades diferentes, mas que atenderam ao chamado da vida para fazer história, e se reuniram nessa embarcação para mostrar a todos que lugar de mulher é na pesca sim, porque o único limite é o dos nossos sonhos.



ANTECEDENTES

Para facilitar o entendimento do valor simbólico dessa experiência, vamos nos valer do aprendizado com base nos vários estudos já realizados por diferentes autores acerca da pesca artesanal no Brasil, em seus aspectos social e antropológico, cujas referências são elencadas ao final deste trabalho.

Estamos falando da inserção de mulheres na pesca artesanal, a qual, de acordo com a Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, é “praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, podendo atuar de forma desembarcada e utilizar embarcações de pequeno porte” (Brasília, 2009, pg.07). Essa mesma legislação, ao caracterizar a atividade pesqueira, define-a como aquela que “compreende todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros” (Brasília, 2009, pg.11). Assim, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal também são considerados como atividade pesqueira artesanal, o que inclui um número significativo de mulheres na categoria de pescadoras.

Por outro lado, quando nos debruçamos sobre os estudos já realizados sobre pesca artesanal no Brasil, compreendemos que se trata de uma atividade praticada ao longo de todo o litoral brasileiro e que é historicamente desenvolvida a partir da combinação de elementos de diferentes tradições, incluindo indígenas, colonizadores europeus e pessoas africanas escravizadas, o que acabou contribuindo para o surgimento de várias culturas litorâneas ligadas à atividade pesqueira. Outro elemento comum a essa atividade seria a captura

em pequena escala e o predomínio de trabalho não assalariado, com forte presença de laços familiares.

Cristina Maneschy (2013), ao abordar a literatura que trata da participação feminina na pesca no Brasil, descreve, como atividades predominantes, pesca de linha de mão e de pequenas redes, coleta de mariscos, despresa de curral, pesca de polvo, salga do peixe, evisceração, confecção e reparo de redes e velas de canoa e comercialização do pescado, atividades essas que ocorrem em terra ou em áreas próximas (rios, lagos, manguezais e praias); as realizadas pelos homens ocorrem quase sempre em mar aberto. A divisão sexual do espaço associa os homens às atividades caracterizadas como aquelas que exigem coragem, força e bravura, e, consequentemente, somente podem ser realizadas pelo homem pescador. Nessa linha de entendimento, observa-se, de maneira implícita, que, no universo pesqueiro, as mulheres desempenham apenas atividades complementares - visão de muitos pescadores – sendo que aos homens caberiam as atividades produtivas.

Ainda que constitua uma das atividades produtivas mais antigas do mundo, a constatação é de que a pesca, ao longo do tempo, vem sendo realizada predominantemente por homens. Ao refletir sobre perspectivas do trabalho feminino na atividade, é consenso entre vários autores que, apesar da sua importante contribuição, em muitas comunidades a visão masculina é de que as mulheres estariam exercendo um trabalho secundário, como uma extensão das atividades domésticas, quando comparado ao trabalho dos homens, realizados em mar aberto. Aliado a esse fator, existe a dificuldade das próprias mulheres em se reconhecerem como profissionais da pesca, o que acaba gerando uma invisibilidade dessas trabalhadoras no setor. Felizmente, já podem ser encontradas algumas exceções, a saber: i) as pescadoras da comunidade da Ilha do Beto, em Sergipe, que já reconhecem o próprio trabalho como sendo tão importante quanto o trabalho de seus companheiros a quem acompanham nas pescarias; e ii) as mulheres pescadoras da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, que buscam no associativismo o fortalecimento da sua identidade como pescadoras profissionais.

Ramalho (2006), observa que a inserção da mulher de forma direta nas atividades de pesca, mesmo aquelas restritas às margens de rios, estuários e

mangues, trabalhando diretamente na captura de peixes, moluscos e crustáceos, ocorre no Brasil em função das dificuldades socioeconômicas, característica comum às comunidades que sobrevivem da exploração dos recursos pesqueiros, a fim de contribuir para a sobrevivência de suas famílias. Ao analisar as trajetórias de mulheres pescadoras, Fassarella (2009) corrobora esse entendimento, de que a presença da mulher na pesca ainda é marcada por diversas barreiras que impedem o reconhecimento do seu trabalho como uma atividade produtiva.

A predominância masculina no universo da pesca, porém, não é uma realidade somente no Brasil. Gerrard (2019) busca entender o número comparativamente pequeno de mulheres que foram registradas como pescadoras entre os anos de 1990 e 2017, na Noruega. Segundo ao autor, ao longo da história da Noruega, a igualdade das mulheres e a equidade de gênero estiveram continuamente em debate, e isso se refletiu em mudanças na legislação, bem como na adoção de medidas de igualdade implementadas em várias instituições, associações e indústrias, incluindo setores como academia e finanças, onde as mulheres são minoria. Ao analisar os registros de pesca nesse período, o número de mulheres pescadoras tem sido pequeno em relação aos homens (representando entre 2,7 e 3,2% do total de pescadores). Embora as mulheres sempre tenham estado presentes na atividade pesqueira norueguesa, o autor faz alusão a regras informais e tácitas de comportamento que relegam as mulheres para a praia e os homens para o mar, a partir das quais a diferença de gênero seria mantida por condições estruturais e códigos e valores culturais ocultos, não discutidos e invisíveis, que são dados como certos.

Extrapolando os limites do universo da pesca, a Organização Marítima Internacional (IMO), criada em 1948 como um organismo especializado na estrutura da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgou, em 2021, o Relatório de Pesquisa Marítima IMO-WISTA, que trata da diversidade de gênero no transporte marítimo, demonstrando que a parcela de mulheres empregadas no setor, incluindo todas as categorias, ainda é pequena, de apenas 29%. A referida pesquisa faz parte das estratégias da IMO para promover a igualdade de gênero e demonstra a necessidade de ultrapassarmos os limites,

sejam tecnológicos, econômicos ou culturais, que hoje restringem o trabalho de mulheres pescadoras.

No caso do Brasil, as informações coletadas dizem respeito à forma de organização da pesca estudada em diferentes comunidades do litoral brasileiro, não existindo, contudo, uma legislação que limite a participação feminina na pesca embarcada. A Marinha do Brasil é a autoridade marítima do governo brasileiro que tem o poder de certificar o trabalhador aquaviário, entre os quais se inserem os pescadores, classificados como “Aquaviários do Terceiro Grupo”. Para que os pescadores tenham acesso à referida certificação nas diversas categorias, é necessário que participem de cursos de formação, ofertados pela Marinha do Brasil e, mais recentemente, através de acordos de cooperação com instituições de ensino profissional, entre as quais se insere o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE – campus Acaraú, que desde 2013 vem formando profissionais nas categorias POP e PEP, os quais recebem a Caderneta de Inscrição e Registro (CIR) e seus respectivos certificados emitidos pela Marinha do Brasil.

No ano de 2022, o IFCE campus Acaraú teve a oportunidade de formar a primeira mulher inscrita num curso PEP, no estado do Ceará, e, em 2023, formou mais três mulheres pescadoras. Elas têm liderado um movimento no sentido da inclusão do trabalho feminino na pesca embarcada, que culminou com a realização do projeto de extensão intitulado “Desafiando a desigualdade de gênero: a primeira tripulação feminina numa embarcação de pesca no município de Acaraú – Ceará”. Os resultados desse projeto é o que se registra a seguir.

Procedimentos da atividade pesqueira

Quando alguém, que não é da área, imagina como ocorre uma pescaria, normalmente pensa no pescador dentro de uma embarcação, recolhendo os peixes capturados no mar. Não é simples assim. Na realidade, uma pescaria envolve muitos procedimentos aparentemente “invisíveis”, mas que exigem planejamento, esforço físico e conhecimentos técnicos específicos.

Ao decidir realizar uma pescaria, a primeira providênci a ser tomada é consultar a previsão meteorológica, e se houver, por exemplo, alertas de tem-

pestade ou previsão de ventos acima de 20 nós (o que é muito comum em nossa região em determinados meses do ano), é recomendado que a pescaria seja adiada. Caso isso não ocorra, é preciso decidir o horário de saída, que será calculado com base nas informações sobre a maré, já que a saída da embarcação obrigatoriamente terá que ser na maré alta (quando há água suficiente para garantir a navegabilidade no canal), o que pode ocorrer inclusive à noite ou de madrugada.

O próximo passo é equipar a embarcação e, para isso, é preciso decidir qual a arte de pesca mais apropriada para a pescaria especificamente, e providenciar o material, colocando-o na embarcação. Além do material de pesca, é preciso providenciar também água potável e alimentação para a tripulação (a quantidade vai variar dependendo do tempo de embarque), combustível, material de salvatagem e de primeiros socorros, gelo, sem esquecer da colocação do motor e da vela da embarcação, além das âncoras (da embarcação e do material de pesca), equipamentos pesados e que exigem esforço físico considerável. Após colocar os equipamentos na embarcação, eles ainda precisam ser acondicionados de forma correta, amarrados ou colocados em locais previamente delimitados, a fim de evitar acidentes.

Por medida de segurança, faz-se necessária ainda uma avaliação do tempo real, pois nem sempre as informações meteorológicas pesquisadas com antecedência se confirmam. Na saída da embarcação, a tripulação precisa estar atenta, pois vai enfrentar as ondas da praia, que são maiores e que podem, inclusive, virar a embarcação se ela não for conduzida de forma correta. A partir desse momento, a embarcação (com propulsão à vela ou motorizada, dependendo da situação do vento) será conduzida até o local de pesca, já definido na fase inicial de planejamento, utilizando um GPS.

Chegando ao local da pescaria, o que pode demorar de uma a duas horas (no caso específico dos embarques aqui relatados), navegando a quatro nós, a tripulação vai analisar o ambiente e o material de pesca antes de fazer o lançamento na água. No caso da pesca de anzol, nesse momento serão preparadas as iscas. Passado o tempo que o material deve ficar na água (vai variar dependendo da arte de pesca utilizada), é iniciado o seu recolhimento. Nesse processo, no caso da pescaria de rede, por exemplo, o esforço físico é considerável, pois

além do peso do material de pesca em si, e do pescado capturado, existe ainda a influência das correntes marítimas e do vento. Já na pescaria de anzol, a embarcação ficará ancorada; nesse caso, o cuidado é com a força do peixe fisgado no anzol e com sua retirada, pois pode provocar ferimentos nas mãos.

Após a pescaria, é realizado o resfriamento do pescado, utilizando o gelo que permanece na embarcação, o que também requer um conhecimento técnico específico, para garantir a qualidade do produto. Finalizado esse processo, é hora de voltar para terra, analisando as condições de tempo e, caso haja a necessidade de utilização do motor, terá que ser reabastecido. Após a identificação do rumo (utilizando a bússola), a viagem é iniciada, e se, ao chegar, a altura da maré não oferecer condições de navegabilidade dentro do canal, será preciso aguardar até que a embarcação possa navegar e chegar a terra. Nesse momento, o pescado será retirado da embarcação bem como todos os materiais que foram colocados no início da pescaria, os quais deverão ficar guardados na pesqueira localizada na praia. Tanto na saída quanto na chegada da embarcação, o processo de lança-la na água e colocar novamente em terra é realizado utilizando eixos com pneus, o que também necessita de esforço físico e a realização só é possível com a ajuda de outros pescadores.

TRIPULAÇÃO



Tripulação do projeto “Mulheres na Pesca”

Gardênia Luzo, 41 anos, estudante de Engenharia de Pesca, Pescadora Profissional Especializada - PEP.



“A minha história na pesca começou com o meu tio, ele ia pescar e trazia os peixes num recipiente chamado cofo. Eu tinha uns 8 ou 9 anos e ficava me perguntando por que ele só trazia um cofo de peixe, se o mar era tão grande e tinha tanto peixe...eu pensava que ele poderia trazer quantos peixes ele quisesse. Eu sempre tive vontade de ir com ele, mas ele nunca iria me levar, na minha família nunca se deu muita voz para as mulheres, e para as crianças menos ainda. O mar sempre foi um encanto pra mim”.

Gardênia amarrando a âncora na embarcação, procedimento que exige técnica e habilidade.



Mulher colocando a isca no anzol, processo que exige cuidado e muita atenção, para evitar acidentes.



Mulher comandando a embarcação com propulsão a motor,
em direção ao local de pescaria.



Momento de ouvir as orientações do comandante em relação à segurança e ao uso dos apetrechos de pesca.

No curso de Engenharia de Pesca, Gardênia participou do projeto “Mangue Vivo”, por meio do qual teve a oportunidade de realizar várias viagens para conhecer os manguezais do litoral cearense e foi assim que conheceu o campus Acaraú, do IFCE. As viagens ocorreram entre os anos de 2016 e 2019. Foram três visitas ao campus, incluindo a participação no I e no II Swell da Pesca, eventos organizados pelo curso Técnico em Pesca do campus Acaraú nos anos de 2018 e 2019, respectivamente, até se inscrever no curso de Pescador Especializado - PEP. A primeira tentativa não deu certo, porque teria que passar dois meses morando em Acaraú, e, na época, trabalhava e estudava em Fortaleza. Mas veio a pandemia e o curso PEP foi novamente ofertado, dessa vez de forma remota, com apenas algumas etapas presenciais, o que tornou possível a sua participação. Seu desejo, ao se matricular no curso, era aprender mais sobre a pesca, de forma prática, pois, na teoria “o mar é um poema; mas isso é só um sonho, na realidade da pesca é totalmente diferente”.

A dificuldade no curso começou com a prova prática de natação e flutuação, visto que já sabia nadar, mas a flutuação passou a ser seu grande desafio. A data da prova estava próxima e teria apenas dois dias para aprender. Era a única mulher do grupo, “se eu não passasse, os meninos iam pensar: não passei porque é mulher e é fraca, então, era uma questão de honra”.

Quando se matriculou no curso, Gardênia não sabia que seria a primeira mulher, uma vez que acreditava que Acaraú, estando localizado numa região que tem a pesca como principal atividade econômica, já teria outras mulheres trabalhando na pesca embarcada. Depois aprendeu que as mulheres que trabalhavam na pesca na região trabalhavam em terra.

Quando eu fiz o curso eu estava mais preocupada em angariar novos conhecimentos, porque o mar sempre foi um encanto pra mim, mas como disse o nosso professor, é preciso estar preparado. O mar não espera ninguém, o mar não obedece a ninguém. No curso em si, inicialmente eu senti dificuldade com o vocabulário técnico, porque dos 12 alunos, 10 eram pescadores. Então às vezes o professor falava e os meninos entendiam logo, já eu e outro colega sentíamos dificuldade. Naquela convivência com os pescadores eu aprendi muito. São muitos fatores que influenciam

numa pescaria, por isso o que você aprende nos livros e na sala de aula acaba ficando muito distante da realidade. No mar você tem que ter duas coisas: uma é o conhecimento e a outra é a fé de que vai dar certo, se não tiver uma das duas então é melhor nem ir. Eu iniciei minha experiência prática acompanhando despesca de curral e pescarias de rede de fundo. Não é um processo fácil, você aprende uma coisa hoje, mas precisa ficar praticando para solidificar esse conhecimento. No início deu muito medo, porque eu via o mar como um lugar para tomar banho, mas navegar uma milha mar adentro, de barco, de jangada, de barco a vela, e governar a embarcação, e fazer as manobras, são muitos detalhes que a pesca te oferece que você precisa agir com presteza, porque o mar não espera. Hoje eu já consigo identificar muitos peixes, só de olhar eu já sei as espécies. Eu já consigo perceber quando a embarcação está saindo do rumo, eu consigo colocar no rumo certo, já sei como agir naquela situação sem ninguém mandar, mas não é fácil. Pesca é cotidiano.

Sobre o projeto: o professor Roberto foi quem falou inicialmente comigo, só tinha eu na primeira turma e mais três alunas formadas na turma seguinte, até agora somos o quarteto fantástico e fomos convidadas a aprender os detalhes de uma pescaria, desde armar uma embarcação, desarmar a embarcação, diferentes artes de pesca, toda a sistemática da pesca do começo ao fim. A gente almeja ter um barco menos arcaico que esse em que estamos treinando, para que possamos comandar uma embarcação que exija menos força física. Eu diria que as mulheres (quanto mais jovem você entrar na pesca, mais fácil vai solidificar seus conhecimentos). Que mulheres e meninas possam fazer esse curso PEP, para que tenham autonomia não somente no lar, mas também no mar, porque o mar é para todos, e nesse todo estaremos lá, mulheres firmes e fortes, o mar é nosso.

Karolina Freitas, 21 anos, Técnica em Pesca e Pescadora Profissional Especializada-PEP.



“A pesca está na minha vida desde que eu nasci, muito antes de eu nascer, porque meu avô era pescador, meu pai é pescador, minha mãe é marisqueira. Eu sempre quis trabalhar no mar, o emprego no mar era o emprego certo para a Karol.”

Karol comandando a embarcação rumo ao local de pesca.



Mulher retirando o peixe do anzol, processo que exige conhecimento, destreza e cuidado.



Mulher comandando a embarcação, com atenção para os procedimentos de segurança a serem utilizados no cruzamento com outras embarcações.



Mulher pescando com anzol, aguardando o peixe ser atraído pela isca, processo que exige técnica e paciência.

Desde cedo eu quis trabalhar no mar, já quis ser bióloga marinha e quando era criança, eu só vivia no projeto TAMAR (projeto conservacionista que atua na preservação das tartarugas-marinhas ameaçadas de extinção, e que tinha uma unidade na localidade de Almofala, no município de Itarema). Foi quando eu decidi, no ensino médio, fazer o Curso Técnico em Pesca no IFCE. Minha irmã já fazia o curso e, antes de eu terminar o ensino médio, eu disse pra ela: eu quero fazer o curso de pesca para trabalhar na área da pesca, e quando eu comecei a fazer o curso foi que a minha cabeça abriu. Eu já ia pro mar com meu pai, mas era uma luta pra ele levar. A gente só ia quando a minha mãe ia.

A pesca sempre foi presente na minha vida, mas quando eu comecei a fazer o curso eu fui criando mais vínculo com a área, fui conhecendo um pouco mais e gostando mais. Na primeira oportunidade que a professora Soniamar falou de uma tripulação sómente de mulheres eu nem pensei duas vezes, levantei a mão e disse que eu queria fazer parte dessa tripulação. Sempre admirei muito a profissão de pescador, porque quando o pescador sai para o mar ele sabe o dia que vai mas não sabe o dia que volta. É uma das profissões mais lindas que eu acho, acho mais lindo que a medicina... O curso PEP foi ainda mais desafiador, porque muitas pessoas não entendiam o porquê a gente fazia aquele curso, até o meu pai perguntava por que a gente ia fazer aquele curso. Mas hoje eu tenho uma carteira PEP. Aqui na nossa região, uma mulher na pesca é uma coisa assim extraordinária, quase alienígena. Quando eles (os pescadores) me veem com a minha carteira, eles dizem que não é minha. Na disciplina de marinaria (no Curso Técnico) fizemos um quadro de nós, que está lá na parede da casa do meu pai. Todo mundo pergunta quem fez, onde compro, e quando eu falo que fui eu, eles não querem acreditar... até me desafiam a fazer algumas coisas assim específicas da pesca, como se eu não fosse capaz de fazer, mas eu faço com facilidade. No geral o curso PEP foi uma coisa nova, desafiadora. Não é toda mulher que se dispõe a conviver na área da pesca.

Quando eu estou no mar eu me sinto bem, eu pensei que fosse ser pior, por causa dos enjoos, mas eu nem tive enjoos. Eu pensava uma coisa, as pessoas falam do mar como uma coisa perigosa, ruim, eu vejo o mar como uma grande oportunidade, como uma coisa boa. Quando eu acordava de manhã e sabia que ia embarcar eu achava muito bom, quando eu jogava minha linha na água e pegava um peixe e ficava aquela coisa na embarcação, quando eu pegava o peixe e as outras não, quando eu chegava em casa, eu ia me “pavular” pro meu pai, peguei um tanto de peixe, peguei um peixe desse tamanho... e ele começava a brincar, porque o meu pai, a ideia dele mudou muito quanto a gente ir para o mar. Ele não levava a gente muito a sério, quando tinha alguma coisa para fazer na embarcação, ele dividia as tarefas, e meu irmão, como era homem, ele ia para a praia com o meu pai. Eu pedia pra ir e ele dizia que eu ia ficar em casa porque era mulher, e quando ele chegava com um prato sujo na mão ele me dava e dizia: você não queria ajudar na pescaria? Ajuda lavando prato. Pra mim essa mudança foi extraordinária, agora a gente tem o apoio dele, ele já até levou a gente pra passar um dia no mar. Foi um momento muito bom, em família, com a minha irmã, o meu cunhado, foi muito bom, e era o meu pai, um pescador. Para as mulheres que estão pensando em embarcar eu digo a elas que vão, que não desistam, porque o mar não foi feito só para homens, ele foi feito também para as mulheres, e a mulher é livre e pode estar onde ela quiser.

Marina de Lourdes Araújo, 33 anos, graduada em Comunicação Social, Pescadora Profissional Especializada - PEP.



“Quando surgiu o projeto das mulheres na pesca, e foi como se eu estivesse vestindo uma roupa muito confortável, perfeita pra mim, porque minha história sempre foi assim, eu participei do primeiro documentário com uma equipe exclusivamente feminina no Rio Grande do Norte, fui a primeira técnica de som do Estado, e é maravilhoso pra mim, uma oportunidade única, estou aprendendo tanta, tanta coisa...”

Marina mostrando o pescado capturado na pescaria de rede

Marina é filha de uma professora e de um motorista. Desde criança dizia que queria ser bióloga marinha, desde os 5 ou 7 anos, mas foi criada em São Paulo e só conheceu o mar quando voltou para o Nordeste, aos 18 anos. Como foi morar perto do mar, passou a acompanhar a rotina dos pescadores, aprendeu a surfar e o encanto pelo mar só foi crescendo. Mas fazia a faculdade de comunicação, e foi só quando a mãe se mudou para uma cidade ainda mais próximo do mar, Tibau do Sul, que passou a acompanhar também a rotina dos estaleiros artesanais existentes na cidade, quando acompanhava a construção das embarcações. Foi a partir daí que surgiu a ideia de morar a bordo de uma embarcação. Começou a pesquisar na Internet e passou a direcionar todos os trabalhos para as oportunidades que levavam para perto desse sonho.

Para poder morar numa embarcação, precisava conhecer tudo, precisava fazer manutenção.

No início tive muita dificuldade porque sou das humanas, e tinha dificuldade com matemática, mas fui aprendendo. Foi quando surgiu a oportunidade de fazer o PEP, e se eu queria morar numa embarcação eu precisava estar habilitada. Já que a minha história no mar havia começado com os pescadores na Ponta Negra, nada mais justo do que continuar na pesca, uma profissão que eu respeito muito. E fui fazer o PEP. Eu pegava os mapas, ficando pesquisando, como é que eu ia traçar uma rota? Quando eu me vi com os professores do PEP, vendo uma carta náutica, eu só penso nisso hoje, tenho dificuldade até para dormir. Eu esperava menos coisas desse projeto, estou aprendendo muito. Não sei quando isso vai mudar, eu vejo hoje o professor Roberto, para ele é um cotidiano, para mim ir para o mar é uma coisa especial, um acontecimento.”



Comandando a embarcação rumo ao local de pesca



Mulheres recebendo orientações sobre como manobrar a embarcação utilizando propulsão manual em locais de águas rasas.



Mulher fazendo o exercício do nó “Lais de Guia”,
utilizado para fazer a amarração da âncora.



Mulher amarrando a âncora



Marina admirando o nascer do sol, um momento de rara beleza para quem está no mar.

A primeira experiência embarcada foi com uma família tradicional de pesca; desde então, tem direcionado todas as ações para o mar, para a pesca. Após ter um projeto aprovado pelo SEBRAE para fazer um documentário sobre a construção de embarcações artesanais foi que ficou conhecendo o curso técnico em construção naval do IFCE, campus Acaraú.

Foi como o primeiro embarque, teve toda uma expectativa, a gente já sabia algumas coisas da teoria, mas esse processo todo de preparar o material, subir no barco, até chegar o momento de jogar o anzol na água... e aí começaram a vir os peixes, Gardênia puxava um peixe, Karol puxava um peixe, e nada do meu peixe... isso eu nunca vou esquecer, porque o professor Roberto disse: espere o anzol descer até o fundo, quando bater no fundo puxa um pouquinho e espera. Esse pra mim foi o ensinamento do século. E eu não sabia o que fazer, não sabia como ia ser... será que eu ia saber quando o peixe fisiagasse no anzol? E se ele fugisse? Como ia ser? Até que eu senti a linha tremer, e aí eu pensei, é isso! E quando eu puxei veio um peixinho tão pequeno, uma guarajuba, ou um ariacó miúdo, miúdo, mas a primeira coisa que eu pensei foi: agora eu não morro de fome no mar, eu vou conseguir me alimentar. A cada dia eu tenho aprendido muito, outra história foi o dia em que eu fiquei escorada no barco, eu queria a linha um pouco mais alta, e me escorei e não deu muito tempo e a madeira rompeu, e quase eu caio no mar. Aí eu lembrei de uma aula do professor João Vicente, em que ele falava pra nunca ficar escorado na embarcação. Ele dizia "não quero ninguém escorado" e por muito pouco eu não fui parar na água, imediatamente lembrei da aula dele. Eu me sinto segura, me sinto no caminho, valorizo muito o que eu aprendi no PEP.

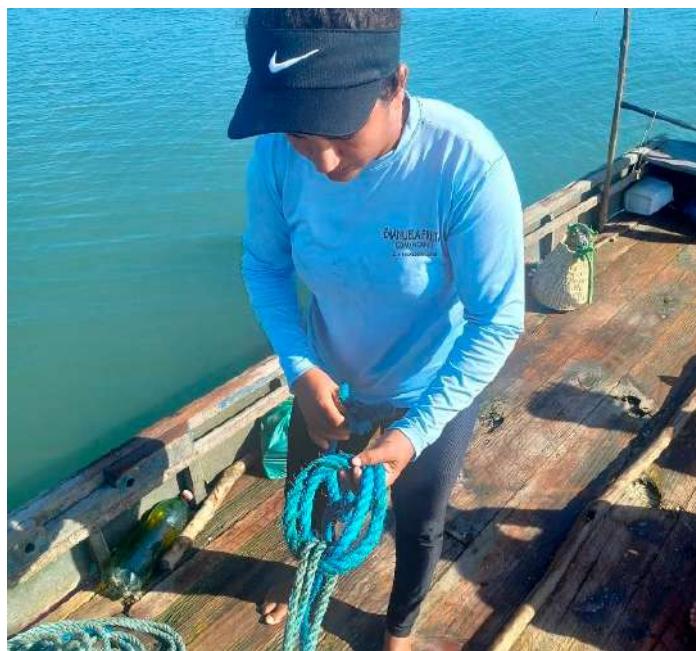
Meninas, venham, venham. Especialmente para aquelas que sentem que é isso mesmo, ou que já têm a pesca na sua vida, venham estudar. O PEP é uma fonte de conhecimento, mas é, também, uma oportunidade de compartilhar o seu conhecimento, a pesca precisa de mais mulheres porque as mulheres conseguem fazer isso melhor que os homens, compartilhar o que aprenderam de forma mais fluida, mais suave. No mar existem várias áreas de atuação, a pesca embarcada é uma delas, é graças aos pescadores que temos peixes na mesa, é uma oportunidade, você estar inserida num polo pesqueiro, é a sua cidade, é o seu povo. Por mais que tenha a condição que a costa nordestina tem, a pesca continua trazendo o peixe para a mesa. Precisamos restabelecer a cultura náutica, trazer a presença feminina, porque não há mais espaço para não ter mulheres na pesca.

Emanuela Freitas, 32 anos, Técnica em Pesca, Pescadora Profissional Especializada - 'PEP.'



“A minha relação com a pesca? Sou filha de pescador, já nasci dentro da pesca, conheço todos os processos, e como na minha família todos os homens são pescadores, esse negócio de mulher pescar é muito preconceituoso, eu vejo isso dentro de casa mesmo, pelo meu próprio pai que era muito preconceituoso. Eu digo era, porque é tão bonito a gente falar sobre o que ocorre hoje e relembrar tudo o que a gente já passou.”

Emanuela retirando o peixe do anzol, procedimento realizado com muito cuidado.



Emanuela exercitando a prática dos nós mais utilizados na pesca.

É um preconceito muito enraizado. Minha mãe é marisqueira, trabalhava fazendo rede, ela ensinou tudo isso pra gente, eu acho importante a introdução dessa cultura que vem com a pesca. Na verdade, o Curso Técnico em Pesca era para eu ter feito há mais tempo e eu prolonguei essa data por ser mãe, eu via meus amigos fazendo e ficava pensando que quando a minha filha estivesse maiorzinha, eu ia deixar ela com os meus pais e ia fazer o curso. Aí veio um amigo e a gente se inscreveu, e entramos eu e ele. No meio do curso eu tive vontade de fazer o PEP, mas aí surgiu um problema, porque tinha a prova de aptidão, e eu tenho medo de entrar na água, por causa de um afogamento, embora eu saiba nadar, eu tenho muito medo de entrar na água, mas eu fiz, passei um mês inteiro treinando. Por mais que eu saiba nadar, o meu medo me supera, aí eu treinei o mês inteiro no rio, e pensava, eu vou ter a minha carteira PEP, e eu não desisti. Passei na prova de aptidão, eu tive medo, mas enfrentei o medo.

Eu me sinto muito bem, é algo inovador na minha vida, é algo que transforma, me acalma, me acalenta, eu tenho essa visão de inovação na pesca com a entrada de nós mulheres, porque a pesca é uma atividade muito machista, e nós precisamos quebrar esse tabu. A partir do momento que a gente quebra, existe a possibilidade da gente conquistar tudo o que a gente almeja. Eu me sinto muito bem, embora eu não seja tão boa quanto a Karol, que lança o anzol e já pega um peixe (eu não sou assim), mas posso dizer que a pesca é uma paixão, todos na minha família estão voltados para a área da pesca. Eu queria que todas as mulheres sentissem essa mesma sensação de liberdade que eu sinto quando estou no mar. Eu ouço muitas críticas, as pessoas dizendo que não vai dar certo, que o mar não é uma coisa assim tão simples, mas eu não vejo essa complicação, eu vejo a complicação é no medo que as pessoas colocam na gente. Por mais que seja complicado, que você tenha medo, treine. Treine seu corpo, sua mente, treine o seu coração. O mar é muito grande, mas se você não perder o medo, se deixar só pra depois, você não consegue. Tente. Eu acho muito importante que as mulheres que têm essa vontade, elas não desistam, elas persistam, porque é muito bom.

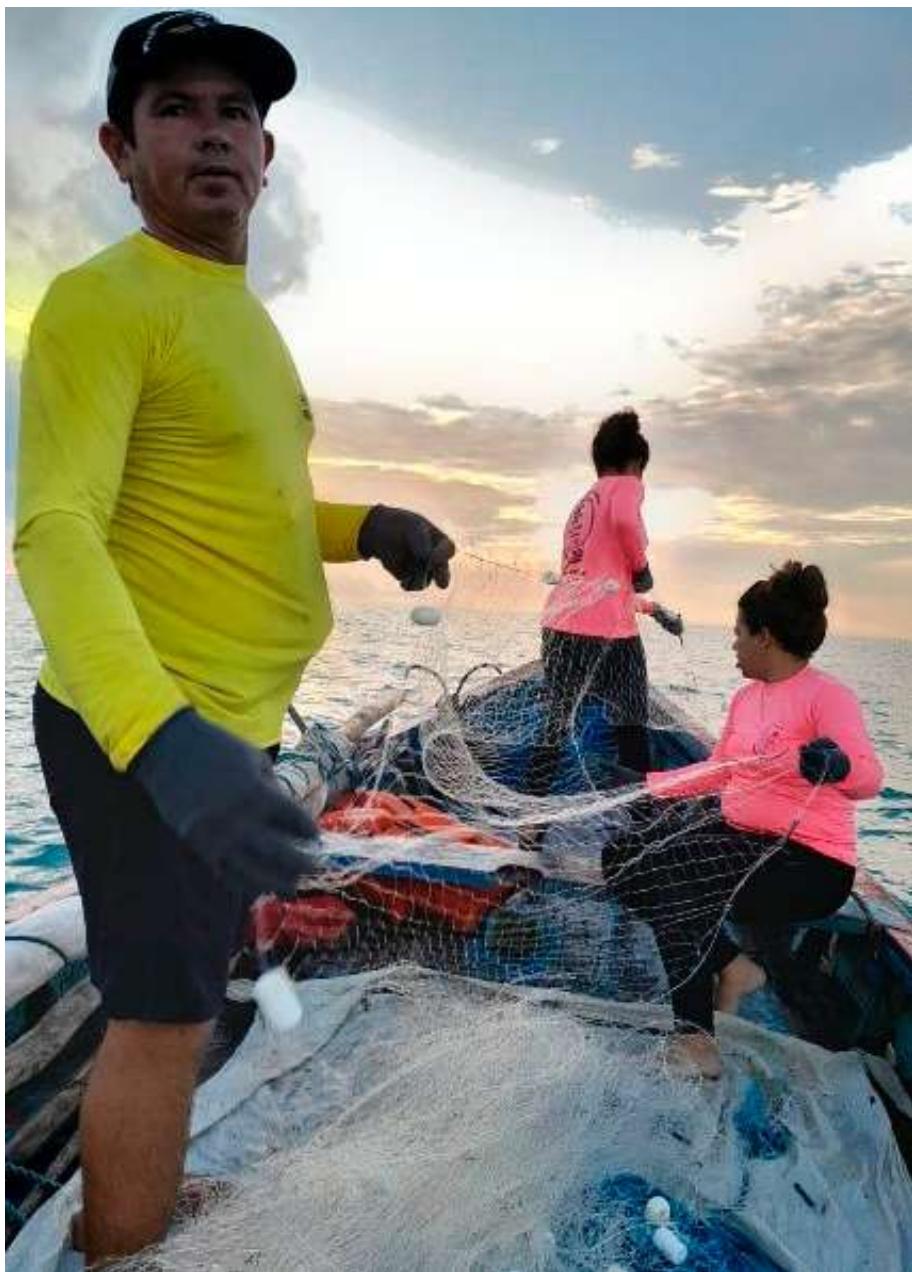
Roberto Leopoldo Medeiros – Técnico em Pesca, Pescador Profissional Especializado – PEP.

“Eu hoje sou técnico em pesca formado pelo campus Acaraú, sou PEP há 4 anos, e sou técnico administrativo do IFCE campus Acaraú desde 2012”.



“Sou pescador desde criança, desde 10 anos de idade meu pai me levava para o mar para pescar. Com 11 anos eu já ia para o mar sozinho, quando ele não podia ir. Com 12 anos eu já comecei a pescar com um tio meu, e dali em diante, eu escolhi a pesca como profissão. Eu moro numa comunidade pesqueira, faço parte da associação comunitária, já fui presidente da associação. Eu hoje pisco com currais de pesca e rede de espera, mas já pesquei lagosta, já pesquei de anzol, de tarrafa.”

Roberto orientando a tripulação sobre as regras de navegabilidade.



Tripulação recolhendo o material de pesca



Mulher comandando a embarcação e o lançamento do material de pesca na água.

Eu soube que o IFCE viria para Acaraú em 2007, num encontro com os pescadores, e fiquei muito interessado, procurei me informar de como é que eu poderia me matricular num curso e me informaram que eu ia precisar fazer uma prova para ingressar. A partir daí eu fiquei contando os dias, mas eu tinha dificuldade em várias disciplinas, eu tinha terminado o ensino médio em 2001 e não tinha estudado mais, estava só pescando. Quando o IFCE chegou, em 2010, iniciou um curso de carpintaria naval. Eu tinha conhecido, há pouco tempo, o professor João Vicente, e ele me pediu para indicar alguns jovens da comunidade para participarem desse curso, que era ofertado através do Projeto São José. Eu indiquei vários primos, meus vizinhos da comunidade, mas fiquei com vontade de perguntar se não tinha uma vaga pra mim também, eu perguntei e consegui a vaga. Fizemos um curso teórico de alguns dias e, a partir daí, começamos a construir uma embarcação. Eu tinha muita vontade de fazer o curso técnico, que já ia iniciar as primeiras turmas, mas eu achava que não ia conseguir, porque tinha muita dificuldade. Falei com o professor João Vicente, e ele arrumou uns professores para me dar umas aulas nas disciplinas que eu tinha mais dificuldade. Tive aulas de português, de física, de matemática, a partir do trabalho voluntário de alguns professores. Foram 35 vagas, e eu consegui passar em 23. Eu comecei, mas estava com muita dificuldade, os outros

alunos tinham acabado de sair do ensino médio, eu estava mais atrasado. Quando vieram as primeiras notas, as minhas notas eram mais baixas, eu comecei a ficar preocupado, aí decidi comprar um computador pra mim e estudar pela Internet, para diminuir essa defasagem. Parei de trabalhar num comércio pequeno que eu tinha em casa e passei a me dedicar aos estudos. No final do semestre, eu consegui ser aprovado em todas as disciplinas. No segundo semestre estávamos trabalhando em outro projeto prático, na construção do segundo catamarã, e eu comecei a ter alguns problemas de saúde, por conta da resina que era utilizada, mesmo usando EPIs, e então o professor João sugeriu que eu mudasse para o curso de pesca.

Em 2011 eu ainda estava cursando o curso técnico em pesca, quando surgiu uma vaga de concurso para comandante de embarcação de pequeno porte. Eu estudava de dia, de noite, de madrugada, estudava para o curso técnico e para o concurso, e no dia da prova eu descobri que tinha quatro concorrentes, todos de Camocim, e um deles era aluno de Engenharia de Pesca. Quando saiu o resultado, eu fiquei em primeiro lugar. Em 2012 eu assumi o cargo no IFCE e em 2013 eu conclui o curso técnico em pesca. Com o acordo de cooperação técnica entre o IFCE e a Marinha do Brasil, o IFCE passou a ministrar os cursos EPM, foi oferecido um curso PEP – PESCADOR Profissional Especializado (eu já tinha a carteira POP – Pescador Profissional) e então eu fiz o curso PEP. Na época, o responsável pelos cursos da Marinha ministrados pelo IFCE era o professor João Vicente, depois ele assumiu a direção-geral do campus e me convidou para ser o responsável pelos cursos de EPM no IFCE Acaraú. De lá para cá tivemos mais duas turmas de PEP. Na primeira turma que eu fiquei responsável aconteceu uma coisa diferente, porque sempre na cultura da região era só ter homens na pesca. O professor João Vicente falava que as mulheres poderiam trabalhar também na pesca embarcada, e nessa turma recebemos a inscrição de uma aluna do sexo feminino, uma aluna de engenharia de pesca da UFC que já havia participado de alguns eventos na área da pesca aqui no IFCE. Foi durante a pandemia, então, parte do curso foi ministrado de forma remota, e somente as aulas práticas foram presenciais. A Gardênia se dedicou no curso e foi uma das me-

lhores alunas. Na turma seguinte, depois de Gardênia, tivemos mais três alunas inscritas, hoje temos quatro mulheres formadas pelo curso PEP no campus Acaraú.

Esse projeto foi idealizado em conjunto, e a gente reconhece que não é só o homem que tem capacidade para atuar na pesca. Em outros países já temos mulheres que trabalham na pesca e nós acreditamos que isso pode acontecer aqui no Brasil também. A minha contribuição no projeto é fazer o embarque dessas quatro mulheres, poder motivá-las, para que elas possam conhecer a pesca na prática. Mesmo usando a embarcação rústica, tradicional, elas estão tendo a oportunidade de conhecer como é o trabalho do pescador na prática, desde o preparo do material, colocar o material na água, conduzir a embarcação, o manuseio do pescado a bordo. A partir dessa experiência nós queremos motivar outras mulheres, porque eu acredito que as mulheres têm sim potencial para trabalhar na pesca. Mesmo que a força física seja menor, elas podem ser incluídas futuramente numa embarcação que seja adaptada, para usar menos força física, porque ver a teoria, ver a pesca da terra, é totalmente diferente de participar da pesca no mar.

DIÁRIO DE BORDO

Embarque nº 01

28 de maio de 2023

Tripulação: Emanuela, Karol, Gardênia, Marina e Roberto.

Saída: 07h11min

Chegada: 11h02min

Artes de pesca utilizadas: anzol/linha de mão

Espécies capturadas: ubarana, focinho-de-rato, ariacó, cioba, biquara, baiacu e moreia.

Produção: Aproximadamente 05kg

Condições do tempo: ensolarado, com poucas nuvens durante toda a pescaria.

Velocidade do vento:

Saída: 7 nós

Ponto 1: 10,5 nós (09h18)

Ponto 2: 12 nós (09h48)

Chegada: 12 nós (11h02)

Coordenadas dos pontos de pesca:

1- 02°, 46' 87" S e 040° 15' 19"" W

2- 02° 74' 75" S e 040°14' 88" W

Marina de Lourdes

O primeiro embarque superou as expectativas, realizamos todas as etapas da pescaria, embora tenha sido uma experiência num local mais próximo da costa, por isso os peixes eram menores. A principal dificuldade, pra mim, foi lidar com a âncora, porque é um instrumento perigoso, devido ao peso, o balanço do barco, o chão molhado, etc. Foi o momento em que senti um pouco de medo, porque percebi que deveria estar sempre atenta.

“Também senti medo quando resolvi tomar banho no mar e na hora de voltar para o barco senti dificuldade, porque percebi que o barco era alto, e não seria assim tão fácil.”

O que mais gostei foi de levar o pescado para casa e de manobrar o barco. Voltaria a embarcar com certeza. Se tivesse que resumir essa experiência numa palavra seria: prover. Prover o alimento, prover o próprio sustento, prover a própria liberdade. A pesca é um trabalho difícil, penoso, sem dúvida, mas trabalhar em contato com a natureza, fazendo o que gosta, não tem preço.

Karolina Freitas

“Eu sempre tive expectativas boas, eu sempre soube que era isso que eu queria: ir para o mar, pescar, sempre acreditei nas mulheres engajadas na pesca.”

Nossa pescaria, num primeiro momento, não foi muito boa porque no início tinha uns peixes cortando a linha, roubando as iscas. Mas no final deu certo, a gente até conseguiu levar peixe pra casa. A maior dificuldade foi levar os materiais, o motor, a vela, para cima da embarcação, porque é muito pesado, então levar e depois tirar da embarcação foi muito complicado. Eu não senti medo, mas estava muito ansiosa, porque eu estava esperando muito por esse embarque. Gostei muito do fato de ser uma tripulação só de mulheres (tirando o professor Roberto, que nos orientou).

Eu vou voltar muitas vezes, com certeza. Se eu fosse resumir essa experiência numa palavra: gratidão. Pela oportunidade, pelas pessoas que estão nos auxiliando. Se eu pudesse passar uma mensagem para outras mulheres eu diria pra elas que a pesca não é só para homens, a pesca é para as mulheres também. Eu estava com medo de enjoar, mas achei ótimo, até lanchei.

A reação das pessoas... as pessoas não estavam entendendo o que era aquilo. Quando a gente estava no mar passou uma embarcação, os rapazes olhavam pra gente como se não estivessem entendendo nada, não entendiam o que a gente estava fazendo ali. No final eles até deram um aceno. Quando chegamos à pes-

queira, tinha um senhor que também ficou observando a gente descarregar o barco, carregar o material, e ele não parou de olhar e só saiu de lá quando a gente acabou, acho que ele estava muito impressionado com a nossa presença como pescadoras. Eu não ouvi nenhum comentário direto, mas a minha mãe ouviu de uma pessoa que foi lá em casa e falou: Maria, você está doida de deixar a Karol ir para o mar?

Gardênia Luzo

“A expectativa era que o mar estivesse calmo, porque eu sabia que teria mais condições de aprender com o mar calmo. A pescaria foi boa, mas esperava pegar mais peixes, e de um tamanho maior.”

“O que achei mais difícil foi subir o motor da rabetá.”

“Senti medo de puxar o anzol, durante a pescaria, tive medo de me machucar.”

“Gostou muito do clima de companheirismo do grupo.”

“Uma palavra: conquista.”

“Minha mensagem para as mulheres: o mar é de todos, e o lugar das mulheres é onde elas quiserem estar.”

“Quando chegamos à pesqueira, pedimos ajuda para dois pescadores para guardar a vela da embarcação, mas eles se recusaram e disseram: vocês não são pescadoras? Então precisam fazer tudo sozinhas.”

“Pretende continuar no projeto sim, pois fiz o curso PEP com essa expectativa.”

Emanuela Freitas de Paiva

A expectativa era como cada uma iria se encaixar. Mas o professor já havia planejado tudo, todas as atividades para cada uma. A pescaria foi algo perfeito, algo incrível, uma vivência nova e muito relevante. O mais difícil foi a expectativa que eu criei sobre como eu iria ficar, aí eu acabei ficando enjoada e optei por não tomar nenhum remédio. Então, no final da pescaria acabei ficando meio mal mesmo. Mas eu gostei de tudo, tudo mesmo,

cada aprendizado, tudo o que foi apresentado, não só para mim como pra todas.

A palavra que eu usaria é a palavra incrível, foi uma sensação inexplicável. Minha mensagem: eu me senti muito bem com essa nova experiência e eu aconselho a quem tiver essa vontade que persista, que continue, não desista. Com relação ao enjoo, eu enjoei sim, mas eu não tomei a medicação, porque eu quero que o meu corpo se habitue a ir para o mar, que eu me acostume porque é uma coisa que eu quero fazer muitas vezes, e quero que o meu corpo se habitue. O fato das pessoas na praia ficarem curiosas, todos olhando, eu não senti como um olhar de crítica, mas de curiosidade, por ser uma coisa nova que eles não estavam habituados a ver.

Roberto Leopoldo de Medeiros

As tarefas foram divididas na praia, e todas colaboraram para levar os materiais para a embarcação. Quando a embarcação ainda estava em terra, fiz uma breve exposição sobre os procedimentos para iniciar a navegação. Após a partida da embarcação, fiz uma parada para ensinar como lançar a âncora, e qual o tipo de nó utilizado. Todas fizeram a simulação, também no que se refere à condução da embarcação, que estava utilizando o motor de rabeta; todas tiveram a oportunidade de colocar em prática os ensinamentos que iam sendo repassados ao longo da navegação. Outro aprendizado importante foi com relação à arte de pesca, no caso o anzol, quando foi explicado como colocar a isca, como retirar os peixes, a forma correta de segurar os peixes, etc. Todas se mostraram bastante interessadas e engajadas até o final da pescaria, participando ativamente e demonstrando interesse pelos aprendizados. Apenas uma das tripulantes sentiu enjoo, mas foi já no final da pescaria e, mesmo assim, não desistiu das tarefas. O embarque superou as expectativas, porque não esperava que elas aprendessem tão rápido. Resumindo, foi muito tranquilo. Elas também aprenderam como puxar a âncora, a forma correta de se posicionar na embarcação, o lado correto de puxar, etc.



Embarque 01 - Avaliação do material de pesca (pesca de anzol).



Embarque 01 - Instruções sobre o rumo da embarcação.



Embarque 01 - Demonstração dos principais nós utilizados na pesca.



Embarque 01 – Mulheres subindo a bordo para organizar o material de salvatagem.



Embarque 01 – Mulher amarrando o cabo na âncora
para o fundeamento da embarcação.



Embarque 01 – Mulheres realizando pescaria de anzol.



Embarque 01 – Mulher realizando pescaria de anzol.



Embarque 01 – Mulheres recolhendo a âncora, procedimento que também exige esforço físico.



Embarque 01 - Marina capturando o primeiro peixe na pescaria de anzol. Momento de muita alegria!



Embarque 01 – Mulheres carregando a vela da pesqueira para a embarcação.

Embarque nº 02

18 de junho de 2023

Tripulação: Emanuela, Karol, Gardênia, Marina e Roberto.

Saída: 07h36min

Chegada: 13h23min

Artes de pesca utilizadas: anzol/linha de mão

Espécies capturadas: biquara, ariacó, mariquita, biquara branca.

Produção: Aproximadamente 3,5kg

Condições do tempo: ensolarado, com poucas nuvens durante toda a pescaria.

Velocidade do vento:

Saída: 1,5 nós

Ponto 1: 7,2 nós 10h13min

Ponto 2: 9,7 nós 11h40min

Coordenadas dos pontos de pesca:

02° 45' 23" S e 40° 15' 47" W

02° 47' 88" S e 40° 14' 92" W

Marina de Lourdes

A previsão do tempo falava em ventos fortes e chuvas no início na manhã, mas o mar estava bem tranquilo, ensolarado. Dessa vez, fomos em outra embarcação, e o mais difícil foi a subida no barco, tive dificuldade em dar partida no motor do barco, tentei várias vezes e não consegui. O que mais gostei foi notar que embora exista um preparo, um conhecimento prévio, a realidade é sempre diferente, existe uma linha muito tênue entre a coragem e a irresponsabilidade, por isso a pesca se torna um exercício de paciência, muitas coisas podem falhar. Considerei bem melhor em relação ao primeiro embarque, estou disposta a continuar.

Karolina Freitas

Minha expectativa continua sendo a mesma, sempre a melhor. Uma que foi quebrada foi a expectativa de pegar mais peixes, e nessa pegamos menos peixes do que na outra. No primeiro ponto não pegamos nada. O que eu sempre acho dificultoso é levar as coisas do pesqueiro para a canoa, principalmente o motor, que é muito pesado. O que mais eu gosto é quando a gente começa a pescaria. Nós também praticamos tudo o que ele ensinou no primeiro embarque, sobre os nós, sobre a condução da embarcação. Eu achei esse segundo embarque mais fácil do que o primeiro, até pra gente ficar em pé na embarcação, conseguimos com mais facilidade. Eu penso que a cada embarque nós vamos ter mais facilidade. Dessa vez, nós pescamos sozinhas, tiramos o anzol da boca do peixe, colocamos as iscas, tudo sozinhas. Quando passamos ao lado de um grupo de pescadores que estavam construindo um curral um deles falou: "essa embarcação é boa, vai cheia de mulher." Eu pretendo continuar sim. A pesca é uma coisa que me encanta.

Ana Gardênia Firmino

A expectativa maior nesse embarque era com as condições do tempo, e eu queria colocar em prática o que aprendi no embarque anterior. Senti muita satisfação ao colocar em prática os ensinamentos em relação à pescaria em si, ao pescar os próprios peixes e ter autonomia para tirar do anzol, colocar as iscas, etc. A situação do tempo ajudou, pois no início o vento estava praticamente parado, o que proporcionou uma melhor escuta dos ensinamentos passados pelo instrutor. Também aprendemos coisas novas, como dar partida num motor de rabetas, diferente do que utilizaram na embarcação anterior. Estou disposta sim a continuar, quero ter autonomia para sair e pescar em alto mar.

Emanuela Freitas de Paiva

Eu tinha a expectativa de que tudo ocorresse como o planejado. A pescaria em si não foi satisfatória num primeiro momento, porque não conseguimos fisgar nenhum peixe, mas depois que mudamos para outro ponto de pesca, conseguimos pescar de maneira mais satisfatória. A dificuldade que senti nesse embarque foi em relação às necessidades fisiológicas, porque senti muita vontade de urinar e não havia como fazer isso na embarcação. Sempre gostei muito de tudo ligado à pesca, ao mar, é um momento de relaxamento, de descanso. Não senti nenhum tipo de mal-estar, de enjoo, e também não senti dificuldade na hora de colocar em prática os ensinamentos adquiridos no primeiro embarque. Estou sim, disposta a continuar.

Roberto Leopoldo de Medeiros

Nesse embarque foram revisados os nós (três nós), e as alunas não tiveram dificuldade. Foi acordado que a cada embarque uma delas ficará responsável por avaliar e refazer os nós. A partir de então foi apresentada outra forma de dar partida na embarcação, com a utilização de uma vara. Para minha surpresa, uma das alunas conseguiu guiar o barco. Em seguida a embarcação ficou à deriva, devido ao vento estar muito fraco, e foi explicado o procedimento de dar partida no motor, sendo que apenas uma das tripulantes não conseguiu dar a partida. O primeiro ponto de embarque foi diferente dos locais do primeiro embarque, e a pescaria de anzol não teve muito sucesso. Mesmo assim foi possível identificar que uma das tripulantes se destaca entre as demais, tanto na destreza com a arte de pesca como também ao jogar a âncora e comandar a embarcação. Como não estavam conseguindo fisgar os peixes nesse primeiro ponto de pesca, fomos novamente pescar próximo aos currais. Ao chegar ao local de pesca, cada uma das tripulantes utilizou o celular e através do aplicativo no celular identificaram as coordenadas, que foram conferidas e estavam corretas. Com relação à pescaria de anzol, a avaliação é de que elas ainda não estão preparadas para pes-

car sozinhas, pois ainda existem algumas técnicas para puxar a linha e retirar o anzol, que precisam ser repassadas e treinadas, mas de modo geral a tripulação feminina está apresentando um bom desempenho. No segundo embarque as tripulantes foram orientadas a utilizar o motor da embarcação como propulsão e também como leme, guiando a embarcação, que é a forma mais comum utilizada pelos pescadores. Apenas uma das tripulantes sentiu dificuldade em executar essa manobra, as demais conseguiram executar.



Embarque 02 – Análise do nível de óleo no motor para o início da pescaria.



Embarque 02 - Demonstração de como dar partida no motor.



Embarque 02 - Emanuela dando partida no motor



Embarque 02 - Partida no motor para o início da pescaria.



Embarque 02 - Marina no comando da embarcação.



Embarque 02 – Orientações sobre como utilizar o anemômetro para identificar a velocidade do vento.



Embarque 02 – Utilização do anemômetro para medir a velocidade do vento.



Embarque 02 - Tripulação se preparando para o lanche



Embarque 02 - Finalização da pescaria: é hora de trazer a embarcação para a praia.



Embarque 02 - Trabalho conjunto para possibilitar a retirada do material da embarcação.

Embarque nº:3

Data: 30/07/2023

Tripulação: Gardênia, Roberto, Moniely (fotógrafa) e Marina.

Horário de saída: 07h05min

Horário de chegada: 11h40min

Arte de pesca: rede de espera de fundo/ anzol

Principais espécies: espada

Produção total: 12 peixes na rede + 1 no anzol (aproximadamente 2,5kg)

Velocidade do vento:

Saída: 7 nós

Ponto 1: 10 nós às 09h54min

Chegada: 11 nós

Condições do tempo:

Saída: maré seca, com rajadas de vento.

Ponto 1: vento constante, mar mexido.

Chegada: maré enchendo, com rajadas de vento.

Locais de pescaria:

Ponto 1:

2°48'15" latitude

040°15'14" longitude.

Ponto 2:

02°47'94"

040°15'38"

Gardênia Firmino

A expectativa nesse terceiro embarque era aprender a navegar à vela e armar a vela. A pescaria foi com rede de fundo e aprendemos a colocar a rede na água, recolher e retirar os peixes. É uma pescaria bem mais difícil do que a pesca de anzol, porque

requer muita força física. Também aprendemos a armar a vela e a manusear junto ao leme. O que mais gostei nesse embarque foram as condições do tempo, que estava muito bom. A expectativa com relação ao projeto é de continuar, porque, embora o mar seja desafiador, é possível enfrentá-lo, desde que se tenha um bom conhecimento para agir com precisão.

Marina de Lourdes

A expectativa era de que ocorresse da mesma forma que os anteriores: acordar, preparar a embarcação e sair para uma arte de pesca; mas esse foi muito diferente e superou todas as expectativas. A pescaria não rendeu muito, mas foi um dia de experiência no mar onde, além das diferentes pescarias, também foi possível navegar, aprender muitas coisas diferentes. Nós velejamos, levamos o kit de vela, armamos o mastro e retranca, analisamos barlavento e sota-vento (*sic*), fizemos manobras, foi incrível. O momento mais difícil foi puxar a rede de espera, porque é um trabalho que exige paciência e muita força. É preciso atenção, porque, dependendo do tipo de peixe, não pode colocar a mão. Não senti medo em nenhum momento, e o que eu mais gostei foi de velejar. Pretendo continuar sim, e se eu pudesse resumir essa experiência em uma única palavra, eu diria liberdade, porque é só você, o seu corpo e o vento. Velejar não é ir aonde o vento te levar, é usar o vento para ir aonde você quer. Minha mensagem para as mulheres que estão pensando em trabalhar na pesca, eu diria: não pense em nada, simplesmente vá.

Roberto Leopoldo

Houve uma mudança no planejamento que seria de não utilizar as redes; mas, como o tempo amanheceu muito bom, decidi fazer o lançamento da rede de fundo. As redes foram lançadas próximo aos currais de pesca e foram recolhidas após 15 minutos, aproximadamente, para evitar que uma possível mudança no tempo pudesse dificultar o processo, já que se tratava da primei-

ra experiência. Antes do lançamento do material, foi explicado todo o procedimento (tanto o lançamento como o recolhimento foram realizados pelas alunas, só ajudei quando necessário); foi explicado o funcionamento da rede no fundo do mar, o porquê da utilização das boias e da chumbada, etc. A produção foi pouca, por conta de se tratar de uma pesca demonstrativa. As alunas acabaram perdendo um peixe (uma tainha), porque não tiveram habilidade de manejá a rede para que o peixe, que estava parcialmente emalhado, viesse para a embarcação, o que também foi utilizado como aprendizado. A partir dessa pescaria foi realizado o treinamento de navegação à vela, onde as alunas se revezaram na condução da embarcação. Após esse momento, foi realizada uma pescaria de linha, em que somente um peixe foi capturado. E, ao final, foi realizada a demonstração de como fazer a desmontagem da vela. Por conta de só terem participado duas alunas, o embarque foi realizado de forma mais rápida que os anteriores; mesmo assim, foi um excelente embarque.



Embarque 03 - Recolhimento das redes próximo a um curral de pesca.



Embarque 03 – Gardênia fazendo o lançamento da âncora.



Embarque 03 - Treinamento para armar a vela na embarcação.



Embarque 03- Instruções para “caçar” a vela (manobrar a vela de acordo com a posição do vento).



Embarque 03 – Mulheres carregando o material de pesca da pesqueira para a embarcação.



Embarque 03 - Processo de lançamento da embarcação na água.

Embarque nº 04

Data: 24/02/2024

Tripulação: Gardênia, Roberto, Karol e Marina.

Horário de saída: 02h15min

Horário de chegada: 10h20min

Arte de pesca: rede de espera de fundo

Principais espécies: cioba, galo, biquara branca, cará cabeça-dura

Produção total: 11kg

Velocidade do vento:

Saída: 2 nós

Ponto 1: 2 nós

Ponto 2: 2 nós

Chegada: 7 nós

Condições do tempo:

Saída: maré de enchente, vento calmo.

Ponto 1: vento calmo, mar calmo.

Chegada: maré seca, pouco vento.

Locais de pescaria:

Ponto 1:

2°48'15" latitude

040°15'14" longitude.

Ponto 2:

02°42'02"

040°15'07"

Gardênia Firmino

A minha expectativa era que fosse um embarque sem chuva, o que de fato aconteceu. A pesca foi de rede, a rede foi lançada na água e começou a ser recolhida cerca de uma hora depois. O que eu achei mais difícil nesse embarque foi lançar a rede na água,

porque estava muito frio, eu pelo menos senti muito frio. Eu não senti medo, não tive medo de nada. O que eu mais gostei foi do rancho, porque dessa vez levamos frutas, uma garrafa de café e levamos bolo também. Eu também gostei muito da lona que me protegeu do frio durante a pescaria. Se eu tivesse que escolher uma palavra para descrever essa experiência, eu escolheria a palavra “forte”, eu me achei muito forte. Minha mensagem para as mulheres que estão pensando em entrar na pesca eu diria: vocês são fortes e corajosas, podem ir. Vocês também podem adentrar ao mar e tirar dele o seu sustento. E quando chegamos na praia, com nossas camisas rosa neon, alguns pescadores que estavam por lá comentaram: “e agora as rosas vão pescar? Eu também quero ir de rosa...” Ironias à parte, a pescaria foi muito boa!

Karolina Freitas

Essa foi a minha primeira viagem indo para o mar à noite, e foi uma experiência incrível, porque eu nunca pensei; sempre achei que esse negócio de ir para o mar à noite fosse coisa ‘de gente grande’, e, de repente, eu estava lá. Quando a gente foi lançar o material na água passou um filme na minha cabeça. Eu ficava imaginando meu pai, as histórias que ele contava; ficava imaginando ele fazendo aquele mesmo trabalho... Pra mim foi uma experiência única, porque ali, naquele momento, eu pude presenciar e viver o que o meu pai faz. Eu nunca imaginei que fosse ter uma experiência dessas, de dormir em alto mar, de lançar o material, recolher, e ficar feliz com a produção que a gente teve. Foi uma sensação que eu queria que muitas pessoas sentissem, porque além de vivenciar, eu estava vendo, na prática, tudo aquilo que os pescadores fazem. Esse projeto serviu para fortalecer o meu vínculo com o mar. Desde pequena, meu pai vinha contando histórias sobre o mar, sobre o que se passava com ele lá. O projeto fez eu me conectar ainda mais com o mar; ele serviu para me mostrar que o mar não é só para homens, é para mulheres também. Eu nunca tinha ido para o fundo, eu já tinha pescado em rio, mas eu nunca tinha pescado no mar mesmo. Eu sempre tinha vontade de saber como o meu pai se sentia no mar, o meu

avô...; e eu gostaria que outras mulheres pudessem viver essa experiência. Eu espero que o projeto continue e que a gente consiga publicar nossos relatos para inspirar outras mulheres.

Marina de Lourdes

Esse foi o nosso primeiro embarque noturno e começou com a expectativa da meteorologia, porque ainda chove muito em Acaraú e, nesse dia especialmente, choveu muito durante o dia inteiro até a tarde, com relâmpago e trovão. E aqui em casa a minha mãe começou dizendo “você não vai não”, e eu comecei a olhar a meteorologia e disse “eu vou”; aí conversei com o professor Roberto sobre a meteorologia, e, no final das contas, deu tudo certo, acabou nem chovendo na hora do embarque, com pouco vento e mar brando. Eu até preferi o embarque à noite, navegar à noite, porque dá a sensação de mais tranquilidade. Nesse dia a visibilidade não estava tão baixa, a lua cheia iluminava bem, a gente encontrou com outros barcos no caminho, foi supertranquilo, é muito bonito também, várias paisagens. A gente colocou 1 km de rede de espera a 10 metros de profundidade; com o movimento da maré, a gente colocou essa rede de espera, descansou em torno de uma hora, e logo que amanheceu a gente começou a recolher. Com o movimento da maré, o professor entendeu que a rede tinha sido levada para outro lado, onde havia uma reta de marambaias; teve um momento em que a rede veio até com um pedaço de ferro. A gente conseguiu recolher 11 kg de peixe, entre eles cioba e coró, que eu não conhecia e que achei muito gostoso. Eu adorei, até brinquei que, da próxima vez, vamos levar o carvão e a churrasqueira para jogar a rede várias vezes ao dia. Pra mim foi bem legal, eu me senti muito bem! Por incrível que pareça me senti mais segura, não sei como seria se estivesse chovendo, mas pra mim foi tudo de bom esse embarque!

Roberto Leopoldo

A embarcação já estava na água, havia sido colocada no dia anterior, assim como o material de pesca. Só pegamos o motor, fizemos o abastecimento do tanque e o material de salvatagem. Levamos também alguns acessórios, como lâmpadas e uma bateria para o caso de necessidade. Como saímos à noite, eu fiquei no comando da embarcação, porque elas ainda não tinham experiência para guiar a embarcação no escuro. Gardênia e Karol foram dormindo, Marina foi sentada em cima do material de pesca. Navegamos cerca de uma hora, foi quando encontramos com a embarcação dos meus irmãos, conversei um pouco com eles. Navegamos até às 4h da manhã, aí desliguei o motor e chamei as duas que estavam dormindo. Soltei a boia que sinaliza o material, soltei a âncora e iniciei a colocação da rede na água, aí passei essa função para elas. Foram 20 redes de 50 metros cada, elas colocaram direitinho e terminaram cerca de 5h da manhã. Dormimos um pouco e por volta das 5h50 acordamos e eu chamei todas para iniciar o recolhimento do material. Eu pedi que elas puxassem a poita e eu fui recolhendo o cabo que ficava na rede, aí fui puxando a rede e fui ensinando a elas como fazia, orientando no caso do aparecimento de alguma alga, como elas deveriam proceder. Entreguei essa função primeiro para a Karol, mas ela estava puxando muito devagar. Depois passei para a Marina, que puxou o material mais rápido, foi um pouco melhor do que a Karol. Também ensinei como fazia para retirar os peixes, e ficava perguntando qual o nome das espécies. A Karol acertou cerca de 95% das espécies. Depois passei para a Gardênia, que teve um rendimento parecido com o da Marina. Elas puxaram aproximadamente 50% das redes, a partir daí, eu assumi o trabalho restante, porque devido à movimentação da maré, nossas redes estavam sendo levadas para uma área de marambaias, e a rede enganchou de 10 a 15 vezes, o que tornava o trabalho muito pesado. Atrasamos um pouco, porque normalmente esse trabalho é realizado em torno de uma hora e meia, e nós concluímos o trabalho em duas horas e quarenta minutos. Como não tinha vento, toda a navegação foi feita com o motor. Foi reabastecido e iniciamos a viagem de volta; eu passei a embarcação primeiro para a Marina, depois para a Karol e finalmente para a Gardênia,

que foi a única que teve dificuldade, porque ela não lembrava qual o procedimento para colocar a embarcação no rumo certo. No final, já próximo da praia, eu reassumi o comando para evitar que o leme ou a hélice batessem no chão. Como a maré estava muito seca, levamos apenas a produção e alguns materiais mais leves. O motor, a vela e o material de pesca ficaram todos na embarcação, e voltei à tarde para retirar. Somente no dia seguinte, com a ajuda de um irmão, foi que eu retornoi à praia para colocar a embarcação no seco. Durante toda a pescaria o vento estava muito calmo, nenhuma onda chegou a quebrar dentro da embarcação, durante a pescaria. Foi um embarque muito tranquilo.



Embarque 04 – Mulher esperando o horário para recolhimento do material, utilizando a lona para se proteger do frio.



Embarque 04 - Emanuela fazendo o recolhimento da âncora do material de pesca.



Embarque 04- Recolhimento das redes e instruções para desemalhar o peixe.



Embarque 04 - Trabalho coletivo no recolhimento do material de pesca.



Embarque 04 - Recolhimento do material de pesca.



Embarque 04 - Marina e Gardênia recolhendo as redes e desemalhando os peixes.



Embarque 04 - Marina comandando a embarcação, no caminho de volta,
após a pescaria.

Embarque nº 05

Data: 13/04/2024

Tripulação: Gardênia, Roberto, Emanuela e Marina.

Horário de saída: 15h45mim

Horário de chegada: 21h30min

Arte de pesca: rede de espera de fundo

Principais espécies: biquara branca, carapeba, ubarana, pescada.

Produção total: 15 kg

Velocidade do vento:

Saída: 14 nós

Chegada: 3 nós

Condições do tempo:

Saída: maré de enchente, tempo chuvoso.

Ponto1 :vento e calmo, mar calmo.

Chegada: maré seca, pouco vento.

Locais de pescaria:

Ponto1:

2°46'26"latitude

040°16'51"longitude.

Marina de Lourdes:

Nesse embarque a logística foi um pouco diferente, a gente se deslocou até o município de Cruz, procuramos ter um pouco mais de autonomia, cada uma subiu num ponto no ônibus intermunicipal, desembarcamos em Cruz e o professor Roberto foi nos buscar. Gardênia estava muito cansada, porque trabalha no plantão e acabou trabalhando várias noites para poder estar presente no embarque; Manu também trabalha de segunda a sábado e tem a peculiaridade de enjoar nos transportes, então também

não estava se sentindo bem. O professor Roberto também estava cheio de afazeres, fomos até a casa dele, ele já havia feito um arroz, compramos um galeto no meio do caminho e acabamos almoçando por lá. Por questões de maré, embarcamos um pouquinho mais tarde do que o previsto, o embarque estava previsto para 13h30, quando chegamos, o barco já estava com o motor, já estava todo preparado, levamos somente os coletes, outras coisas que precisávamos e, quando estávamos chegando à praia, começou a chover novamente. A praia é uma planície, então conseguimos ver a chuva se aproximando. A gente ainda esperou uns 30 ou 40 minutos dentro da embarcação, até sair. Eu pensei que não fosse ninguém enjoar, porque o barco estava balançando, mas estava parado ali, então eu imaginei que a gente fosse se acostumando. E é engraçado como o vento muda de direção, ele estava a barlavento, depois veio a sotavento. Fomos em linha reta; no meio do caminho, encontramos um bote muito similar com dois pescadores; pela inscrição do barco eu vi que era de Camocim. Eram dois senhores, o barco passou bem pertinho, bem pertinho mesmo, quando passaram por nós eles disseram: "vixe, é só mulher?" E o nosso professor gritou: "mulher dá sorte na pescaria". Ainda deu mais algum chuvisco; quando chegamos no ponto de pesca, já estava anoitecendo, não dava para ver direito, porque estava bem nublado; estávamos pescando com rede de espera, então colocamos o material na água, e foi bem legal, porque estava muito nublado, tudo escuro, a gente não conseguia ver a distinção entre o céu e o mar, era como se a gente estivesse no meio do nada. Aí o professor Roberto ligou a luz de alcance que ele leva na embarcação, uma lâmpada que fica fixa num pedaço de madeira e é ligada numa bateria. Quando essa luz se acendeu, nós viramos um pontinho de luz no meio da escuridão. Eu fiquei observando, eu ia ter muito medo se caísse na água nesse momento. Aí a gente vê alguns peixinhos se aproximando, de leve, atraídos pela luz, eu achei muito bonito. Por incrível que pareça, eu me sinto até mais segura durante a noite. Eu sei que quando a gente vê uma embarcação saindo, cheia de mulheres, a gente pensa em tudo o que pode acontecer, no perigo, mas à noite nós não estamos visíveis, então, ninguém sabe que ali tem mulheres, nós não estamos sendo vistas. Mesmo assim, existe muita solidariedade entre as pessoas quando estão no mar, porque estão

todos na mesma situação, então, é sempre um colaborando com o outro. Embora não chegassem muito perto, dava para ver, pela iluminação, a posição de outras embarcações; chegamos até a fazer um exercício de reconhecimento das luzes de uma embarcação maior; a gente só via a luz encarnada, daí sabíamos que ele estava passando a nosso bombordo. Mas eu sempre me coloco nessa situação de estar em outros lugares, em outros mares, porque, de certa forma, estamos num local bastante seguro, por ser previsível. Quando perguntei ao professor, no caminho de volta, como ele conduziu a embarcação no escuro, sem bater em nenhum curral, ele explicou que essa é a praia onde ele pesca desde criança, então ele sabe a localização de todos os currais de pesca dali. Aí eu fiquei na curiosidade de testar isso em outros lugares, onde a gente não conhecesse o local. Na hora de puxar as redes foi bem cansativo, mas foi bem descontraído; foi a pesca do biquara, porque deu quase só biquara, mas a gente ficava brincando, então foi divertido, embora as meninas estivessem muito cansadas por terem enjoado na viagem; elas acabaram vomitando bastante. Eu cheguei a sentir uma coisa quase igual a um enjoar, porque o mar estava muito agitado, mas depois eu comi uma jujuba e acabou passando. Outra conversa que surgiu foi sobre o preço do peixe, porque às vezes o esforço para pescar é tão grande e o preço do peixe não compensa, precisamos pensar em alternativas pra isso. Eu gostei muito desse embarque, cada vez mais eu me sinto mais confiante, eu já sei o que fazer quando chego na embarcação, eu sinto que se me soltassem agora eu já iria mais confiante.

Gardênia Firmino

Minha expectativa era de que o vento estivesse brando e que pegássemos bastante peixe. O vento, no início, não estava muito brando, mas depois melhorou. Infelizmente a produção foi pouca. A pescaria foi de rede de espera. No recolhimento da rede, houve um revezamento entre as tripulantes, e tentávamos identificar cada espécie emalhada. Eu não senti medo em nenhum momento, mas tive dois episódios de enjoar, que a gente chama

de “marear”. O primeiro foi logo no início, antes de colocar a rede na água, e o segundo já no final, quase chegando a terra. O que eu gostei mais nesse embarque foi a união da equipe e a presteza do professor Roberto ao explicar cada detalhe da pescaria, o porquê de um determinado tipo de nó, por exemplo, porque colocar o sinalizador na ponta da boia, etc. A pescaria foi muito boa, apesar do horário, foi muito boa.

Roberto Leopoldo

A embarcação já estava na água, o material de pesca já estava dentro também, e dessa vez levamos gelo, mas a embarcação já estava com vela, motor e material de pesca, nós só pegamos os coletes e alguns materiais menores. No início, estava chovendo, mas logo a chuva passou. Navegamos cerca de 40 a 50 minutos e começamos a colocar o material na água; voltou a chover novamente e, assim que ancoramos, uma das tripulantes passou mal e não quis se alimentar. Outra tripulante também passou mal depois. Um sete horas da noite, iniciamos o recolhimento do material, utilizando a luz da bateria. Marina e Gardênia se revezavam na puxada das redes, cerca de 100 metros cada, e eu ficava atrás recolhendo os peixes e organizando as redes. Eram mil metros de redes. Manoela conseguiu puxar 100 metros e teve um bom desempenho, mas, como estava mareada, pediu para parar. No retorno, voltamos para a terra; não dei o comando da embarcação para elas por ser à noite, mas aproveitei o trajeto de volta para explicar, pelas luzes, a direção do porto. Quando retornamos fomos fazer o resfriamento do pescado na embarcação. Eu optei por fazer isso com a embarcação já fundeada devido a Manoela estar se sentindo mal. O desembarque ocorreu entre 21h30 e 22h. Nesse embarque, diferente dos outros, elas não colocaram a embarcação na água, nem participaram da retirada da vela e motor. Pegamos a embarcação na água e deixamos na água.



Embarque 05 – Mulheres transportando os materiais para a embarcação.



Embarque 05 – Mulheres se protegendo da chuva, a caminho da pescaria.



Embarque 05- Mulheres recolhendo a âncora para a saída da embarcação.



Embarque 05 – Mulheres a caminho da pescaria, após a chuva.





Embarque 05 - Emanuela amarrando a âncora do material de pesca.



Embarque 05 – Resultado da pescaria.

Embarque nº:6

Data: 15/06/2024

Tripulação: Gardênia, Roberto e Marina.

Horário de saída: 03h50min

Horário de chegada: 08h30min

Arte de pesca: rede de espera de fundo

Principais espécies: pescada branca, ariacó, cioba e anchova

Produção total: 09kg

Velocidade do vento:

Saída: 03 nós

Chegada: 7 nós

Condições do tempo:

Saída :tempo bom, céu estrelado.

Chegada: tempo bom.

Locais de pescaria:

Ponto1:

02°46'65"latitude

040°15'78"longitude

Marina de Lourdes:

Esse embarque foi diferente pra mim porque eu estava vindo de outra cidade, de Mossoró, foram oito horas de viagem e eu estava muito cansada. Encontrei com o professor Roberto e com Gardênia na sexta-feira, em Acaraú, e fomos à noite para a Lagoa da Volta. Gardênia ainda realizou várias atividades, cozinhou, lavou roupa, e terminamos perdendo a hora de acordar. O que facilitou muito foi que o barco estava pronto, com o motor já montado, então, só tivemos o trabalho de levar o diesel e preparar os insumos. Tivemos que mudar nossa estratégia de pesca; a

rede que deveria ir até uma determinada profundidade teve que ser colocada um pouco mais no raso, porque o local de pesca estava mais próximo da costa. O professor Roberto, inclusive, comentou que naquela profundidade a expectativa não era muito boa em relação à pescaria em si, mas eu até me surpreendi, porque a quantidade não foi muita, mas foram os maiores peixes que capturamos em todos os embarques. Foi a primeira vez que eu embarquei à noite com o céu limpo, as estrelas ficam muito próximas, é muito lindo. Depois de colocar o material na água, eu cochilei e acordei com o professor Roberto batendo no casco da embarcação e chamando para retirar o material. O dia amanhecendo também é um espetáculo à parte. Foram mais ensinamentos muito proveitosos; dessa vez, o professor Roberto falou sobre o movimento da lua e as fases da maré. Na volta, também tivemos um trabalho à parte, porque precisamos retirar a embarcação da água; tiramos todo o material e pedimos ajuda para alguns pescadores na praia para subir a embarcação. É um trabalho pesado, mas conseguimos.

Eu vim para Acaraú por opção, era um sonho pra mim. Esse projeto foi um presente, eu me sinto grata a todas as pessoas que me possibilitaram essa experiência. Hoje eu tenho certeza, depois do convívio com a pesca artesanal, de que eu pretendo continuar na área. Fico muito feliz, me lembro de todas as pessoas nesse processo. Eu pensei que viria para Acaraú e que depois voltaria para o RN e pronto. Mas hoje eu vejo Acaraú de outra forma; eu criei laços com essa cidade e pretendo voltar muitas vezes, se possível, pelo mar. Pra mim, a minha história não poderia ser outra. Minha meta inicial era a de conduzir embarcações, hoje eu vejo a história fazendo sentido, desde o meu primeiro embarque numa jangada de pescadores tradicionais, anos atrás. Eu sempre vou contar essa história, vai ser parte da minha oralidade, vai ser a minha história de pescador. Esse projeto transformou a minha vida. Qualquer pessoa pode chegar aonde ela quiser. O projeto hoje pode ser pequeno, mas se mais alguém vier e der continuidade, podemos dizer que nossa missão foi cumprida.

Gardênia Firmino

Foi um embarque tranquilo, com tempo bom e ventos calmos. Fizemos uma pescaria com rede de espera; pescamos um número pequeno de peixes, 14 no total, mas de bom tamanho. O que eu senti mais dificuldade foi com a rede de 800 metros, que eu achei muito pesada. O que eu mais gostei foi do governo da embarcação; nos embarques anteriores eu ainda sentia um certo medo, mas nesse eu já me senti bastante segura, foi muito boa essa sensação. Resumindo, eu posso dizer que aprendi muitas coisas, como a governar a embarcação, as rotinas de pescaria e abastecer a embarcação com os insumos para diferentes tipos de pesca. Essa experiência prática me fez perceber que nós mulheres podemos sim participar da rotina da pesca embarcada, mesmo com todos os perigos que o mar possa oferecer, e minha mensagem para todas as mulheres que ainda não conhecem o mundo da pesca é que nós podemos sim; o primeiro passo é tentar. O mar é desafiador, mas nós somos corajosas. Meu sonho com esse projeto é que eu continue sendo fonte inspiradora para outras mulheres, porque eu fui e pretendo continuar pescando. Não vou dizer que é fácil, mas é possível, como tudo o que a gente quer e se esforça para conseguir. Um dia terei meu próprio barco, e com minha tripulação feminina a bordo, traremos muitos peixes.

Roberto

O embarque teve início às 03h50, e a embarcação já estava na água, com motor. Só colocamos os materiais mais leves. Navegamos cerca de 30 minutos; o vento estava tranquilo, a noite estrelada. No local da pescaria, as duas tripulantes sozinhas lançaram o material de pesca, o que durou cerca de 30 a 40 minutos, enquanto eu ia dando instruções sobre a forma de fazer o lançamento de acordo com o movimento da maré. Começamos a recolher o material às 06h15 da manhã. Elas começaram a puxar as redes e eu fui ensinar como retirar os peixes da malha. Terminamos de recolher o material às 07h40

da manhã e eu deixei as duas se revezando no comando da embarcação. Após chegar à praia, pedi ajuda para alguns colegas pescadores para colocar a embarcação no seco e também para transportar os materiais mais pesados, sendo que elas me ajudaram com os materiais mais leves, como bateria, coletes, etc. Fazendo um resumo de todos os embarques, o que eu pude perceber foi que vale a pena sim, elas estão aprendendo, estão tendo menos dificuldade, já sabem como se alocar dentro da embarcação para não dar a banda; o nível é totalmente diferente do que era lá no primeiro embarque, por exemplo.



Embarque 06 - Gardênia no comando da embarcação.



Embarque 06 - Emanuela e Marina, no recolhimento da rede, processo que exigiu o revezamento da tripulação por conta do esforço físico.



Embarque 06 - Gardênia e Marina no recolhimento das redes.



Embarque 06 - Gardênia e Marina no recolhimento das redes.



Embarque 06 - Gardênia desemalhando o peixe.



Embarque 06 - Marina acondicionando o material de pesca na embarcação, após a retirada da água.



Embarque 06 - Marina e Gardênia num momento de descontração.



Embarque 06 - Gardênia comandando a embarcação, após finalizar a pescaria.



Embarque 06 - Marina identificando visualmente o porto, no retorno da pescaria.



O FUTURO

Para falar do futuro, nada melhor do que voltar ao passado e relembrar como tudo isso começou e, para auxiliar nessa tarefa, recorremos ao depoimento do professor João Vicente, idealizador do projeto.

João Vicente Mendes Santana – Engenheiro de Pesca, Professor, Oficial da Marinha Mercante e idealizador do projeto.

A ideia desse projeto começou há bastante tempo e vem somar minhas experiências como engenheiro de pesca, trabalhando na pesca embarcada, como profissional da educação, nos ursos Técnicos em Pesca, e como Oficial da Marinha Mercante. Desde a década de 80 do século passado eu já observava que em outros países havia a presença feminina na pesca embarcada, o que não acontecia no Brasil. Durante algum tempo cheguei a acreditar no que depois fui entender se tratar de uma lenda, de que haveria alguma legislação proibindo a presença feminina na pesca embarcada no Brasil. Com o tempo, estudando mais sobre o assunto, fui perceber que não se tratava da legislação, mas de um fator cultural. Em outros Países as mulheres estão trabalhando em embarcações desde o início do século XX, não é uma experiência recente. Já no Brasil isso ocorria em alguns casos isolados, e geralmente eram tripulantes que trabalhavam na área de saúde. Sendo assim, não adiantava apenas fazer apologias para a inserção das mulheres no segmento embarcado pesqueiro, mas teria que discutir também a formação técnica delas para isso, sensibilizá-las para a participação nos cursos de formação aquaviária como o POP – Pescador Profissional e o PEP – Pescador Especializado e também começar a discutir as novas tecnologias que já estão presentes nas embarcações pesqueiras de outros países, com mais conforto, mais segurança. Pensar em embarcações que sejam projetadas para serem utilizadas por qualquer pessoa, especialmente pelas mulheres que estão iniciando nesse processo.

Além disso, precisaria também, e isso vai demorar muito mais tempo, levar essa ideia para os que já fazem parte do segmento pesqueiro: os pescadores, os familiares, mostrando que não há nenhum problema, nenhuma desonra em ter uma mulher como tripulante numa embarcação pesqueira.

Sobre esse projeto, meu sentimento é de avanço, porque conseguimos, assim como já é corriqueiro mulheres fazerem concursos para o segmento marítimo, hoje é comum ter mulheres na marinha mercante, nos segmentos marítimo e fluvial, tanto como oficiais como na guarnição. A partir do momento em que as mulheres passam a demonstrar interesse em fazer o Curso de Pescador Profissional Especializado, assim como as mulheres que já haviam ingressado no Curso Técnico em Pesca, um importante passo já foi dado. Participar dessa experiência e publicar seus resultados é outro importante passo. O que nós esperamos agora é que esses passos venham sensibilizar outras mulheres que fazem cursos voltados para essa área, como a Engenharia de Pesca e a Oceanografia, entre outros. Para mim, essa é apenas a ponta do iceberg. Se as mulheres quiserem realmente ocupar esse espaço na pesca embarcada, já que não existe nenhuma legislação que proíbe, já que existem os cursos de formação, e existe ainda uma grande discussão na sociedade atual envolvendo a questão de gênero, e que está apenas iniciando no segmento pesqueiro, eu acredito que, para as mulheres que pretendem ingressar nesse segmento, será um futuro de muito sucesso.

Finalizo minha fala dizendo que, nesse momento, a bola está com as mulheres, quem vai fazer esse processo seguir em frente são elas. Esse livro, esses relatos, estão mostrando na prática que existe uma possibilidade real, estamos mostrando na prática, não é uma fantasia. A pesca hoje não vive de quantidade, mas de qualidade. Pelo menos nesse primeiro momento, para atrair a atenção das mulheres, é importante focar na qualidade, pois como diz o ditado, o mar é outra terra, às vezes você quer o mar, mas precisa saber se o mar quer você. Precisa haver um planejamento para as mulheres não só estarem embarcadas, mas para elas trazerem outros conceitos para a pesca, uma pesca mais consciente, ecologicamente correta, um produto de melhor qua-

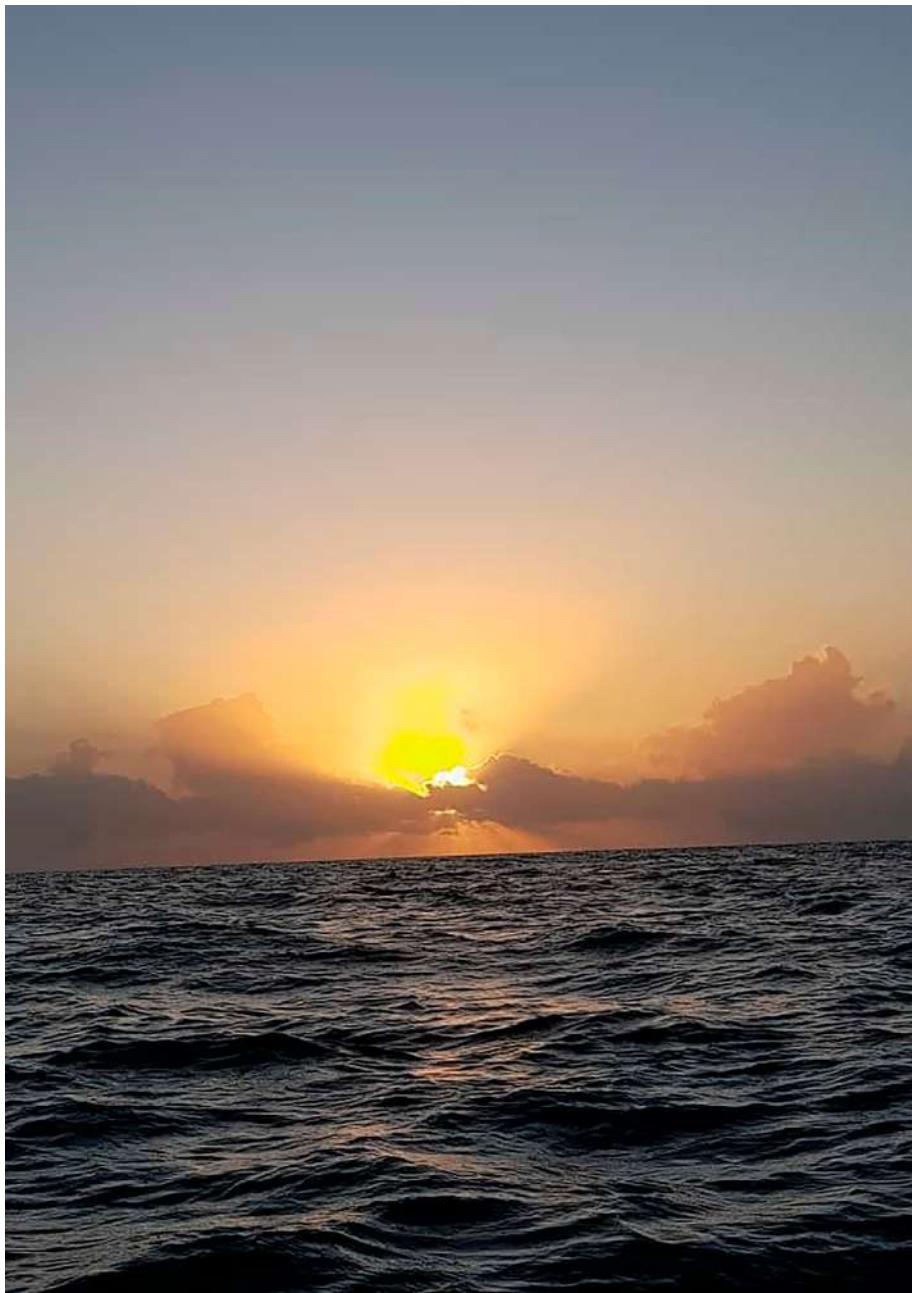
lidade e tudo mais que pode ser arrastado com a presença da alma feminina na tripulação de uma embarcação pesqueira. Esse projeto é importante porque estamos saindo de uma teoria, de um discurso, e estamos indo para a prática. Se tem uma coisa que eu não tenho dúvida é isso: se as mulheres quiserem ocupar seu espaço na pesca embarcada no Brasil, elas vão ocupar, e vão ocupar com qualidade.

Eu também acredito no futuro das mulheres na pesca embarcada. Numa pesca diferente, com mais conhecimento, mais conforto, mais tecnologia, mais segurança. Sinto-me honrada em fazer parte desse projeto (mesmo que em terra firme), porque sei que o que estamos fazendo aqui vai inspirar uma geração que pode ir muito mais além, até que a pesca exclusivamente masculina se torne uma lenda. Parece pouco, mas é o mais longe que já ousamos ir. Sinto-me honrada em fazer parte dessa história.

Nosso sonho, que virou projeto de extensão com o objetivo principal de viabilizar a inserção de uma tripulação feminina na pesca embarcada no município de Acaraú – Ceará, por intermédio da realização de embarques monitorados numa embarcação pesqueira de pequeno porte, assim como tudo na vida, teve suas dificuldades ao longo do processo. Uma temporada de ventos atípica (mais longa) em 2023 não permitiu, por questões de segurança, que alguns dos embarques planejados fossem realizados nos meses de novembro e dezembro. Nossa tripulação também passou por momentos difíceis (de problemas de saúde a questões familiares), o que fez com que nem todos os embarques pudessem contar com a tripulação completa. Mas fizemos o nosso melhor, não desistimos e não deixamos desistir.

As imagens que vimos aqui não podem ser reduzidas a suor e sustento. Nem todos vão conseguir enxergar, mas em cada linha desses relatos existe sonho, alimento, vida e esperança.

A partir de agora, é sonhar com voos mais altos, com muitas mulheres se matriculando nas turmas de PEP, com o projeto de uma embarcação adaptada para dar mais conforto e segurança à tripulação feminina. Nossa objetivo era provar que esse sonho é possível, e isso nós provamos.



Embarque 06 - O amanhecer no mar, sob os olhares da primeira tripulação feminina numa embarcação de pesca no município de Acaraú - CE.



REFERÊNCIAS

Brasil. **Lei nº 11.959 de 29 de julho de 2009.** Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br>>. Acesso em agosto de 2023.

DIEGUES, A.C. A socioantropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. In: Diegues, C. A. A socio-antropologia da pesca. Etnográfica. São Paulo. 1999. p.361-375/ V. III (2).

FASSARELLA, S.S. O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal: percepções a partir do olhar feminino. SER Social, [S. l.], v. 10, n. 23, p. 171–194, 2009. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/12956. Acesso em: 17 jun. 2024.

GERRARD, S., K. D. Mulheres pescadoras na Noruega: poucas, mas significativas. Estudos Marítimos 18, 259–274 (2019). <https://doi.org/10.1007/s40152-019-00151-4>. Acesso em: 17 jun. 2024.

IMO. Women in Maritime Survey 2021 A study of maritime companies and IMO Member States' maritime authorities. Disponível em: https://wwwcdn.imo.org/localresources/en/OurWork/TechnicalCooperation/Documents/women%20in%20maritime/Women%20in%20maritime_survey%20report_high%20res.pdf. Acesso em: 17 jun. 2024

MANESCHY, M. C. Mulheres na pesca artesanal: trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do estado do Pará. In: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S..de. (Orgs.) Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

RAMALHO, C.W. N. “Ah, esse povo do mar!”: um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana / Cristiano Wellington Noberto Ramalho. – São Paulo: Polis: Campinas, SP: CERES (Centro de Estudos Rurais do IFCH – UNICAMP), 2006



Este livro foi composto em fonte Minion Pro, impresso no formato
15 x 21 cm em Off set 75g/m², com 112 páginas e em e-book formato pdf.
Dezembro de 2025.

É com imensa alegria que inicio minha fala, costurando imagens e relatos que falam por si. Sinto-me grata pelo privilégio de poder acompanhar de perto o que, há muitos e muitos anos, tem sido um sonho distante, mas que agora se materializa no marco histórico em que as mulheres de Acaraú-CE, finalmente, assinam seu nome no rol de uma embarcação pesqueira, ainda no sentido figurado, mas, sem dúvida nenhuma, rumo ao mar aberto.

Definitivamente, esse não é um texto acadêmico, é uma leitura muito fácil e muito difícil ao mesmo tempo, porque o leitor há de se esforçar para enxergar a poesia contida em cada imagem, para mensurar a quantidade de sonhos que cada uma dessas tripulantes carrega dentro de si, mais os sonhos de tantas outras mulheres, às quais agora passam a servir de inspiração.

ISBN 978-658423365-2



9 786584 233652